

A revolta da vacina: a revanche no século 21

» JAN CARLO MORAIS OLIVEIRA BERTASSONI DE LORENZI

Farmacêutico, mestre e doutor em ciências (biofísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de imunologia e saúde pública na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), e diretor do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UPM

Em 1904, no Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro, explodiu um movimento popular que ficou conhecido como a Revolta da Vacina, quando a população se opôs à obrigatoriedade da vacinação contra varíola. Embora a aplicação da vacina contra varíola fosse obrigatória desde o início do segundo reinado, a lei, de fato, não era cumprida. A ação proposta naquele ano mostrou-se truculenta, pois os agentes de saúde invadiam as casas dos munícipes e faziam a aplicação vacinal à força. A confusão foi tamanha que o Presidente Rodrigues Alves revogou a lei.

No decorrer do século 20, a epidemia de varíola recrudesciu e outras epidemias surgiram, como a Gripe Espanhola, a Aids, o sarampo, entre outras. Uma ação colaborativa de vacinação em massa contra a varíola permitiu que a infecção natural dessa doença fosse totalmente erradicada desde 1977, após muitos séculos dizimando vidas em todas as partes do mundo.

No Brasil, as campanhas de vacinação alcançavam índices de cobertura vacinal cada vez maiores, possibilitando, inclusive, o controle e a erradicação do sarampo no final da década de 1990, certificando o país, em 2016, como livre da doença. Entretanto, ainda que as vacinas sejam comprovadamente eficazes e seguras, após o seu uso sistemático desde a primeira vacinação, em 1796, por Edward Jenner, a oposição à vacina é recorrente e ganha força nesses tempos de fake news, em que a opinião e “especialistas,” formados pelos vídeos do YouTube, se propagam pelas redes sociais.

A oposição à vacinação ganhou força no final da década de 1990, quando um médico britânico questionou a segurança da vacina tríplice viral (contra sarampo, caxumba e rubéola), relacionando o uso desta vacina à indução de casos de autismo. Os seus dados foram publicados na importante revista inglesa *Lancet*. Contudo, após uma revisão cuidadosa dos dados apresentados, verificou-se que o médico agiu de forma criminosa, manipulando os resultados. O artigo foi retirado da revista, o médico teve seu registro cassado, mas o dano de toda essa confusão provoca impacto até os dias de hoje.

Enquanto o boato de que a vacina poderia causar autismo se espalhava, a cobertura vacinal para o sarampo reduzia em diversos países, inclusive no Brasil, possibilitando a circulação do vírus. E não demorou muito tempo para que, em 2018, perdêssemos o certificado de erradicação do sarampo. O ressurgimento de muitas outras doenças, como a poliomielite, corrobora a veracidade desse fato.

Essa análise histórica deixa claro que o impacto das notícias falaciosas de que as vacinas contra a covid-19 trazem mais risco do que a doença em si, incluindo afirmações estapafúrdias como o risco de alterações nucleares e os raros casos de reações adversas graves ainda em investigação (doenças autoimunes, miocar-

ditos, dentre outras), pode ser catastrófico no momento em que a população precisa ser amplamente imunizada.

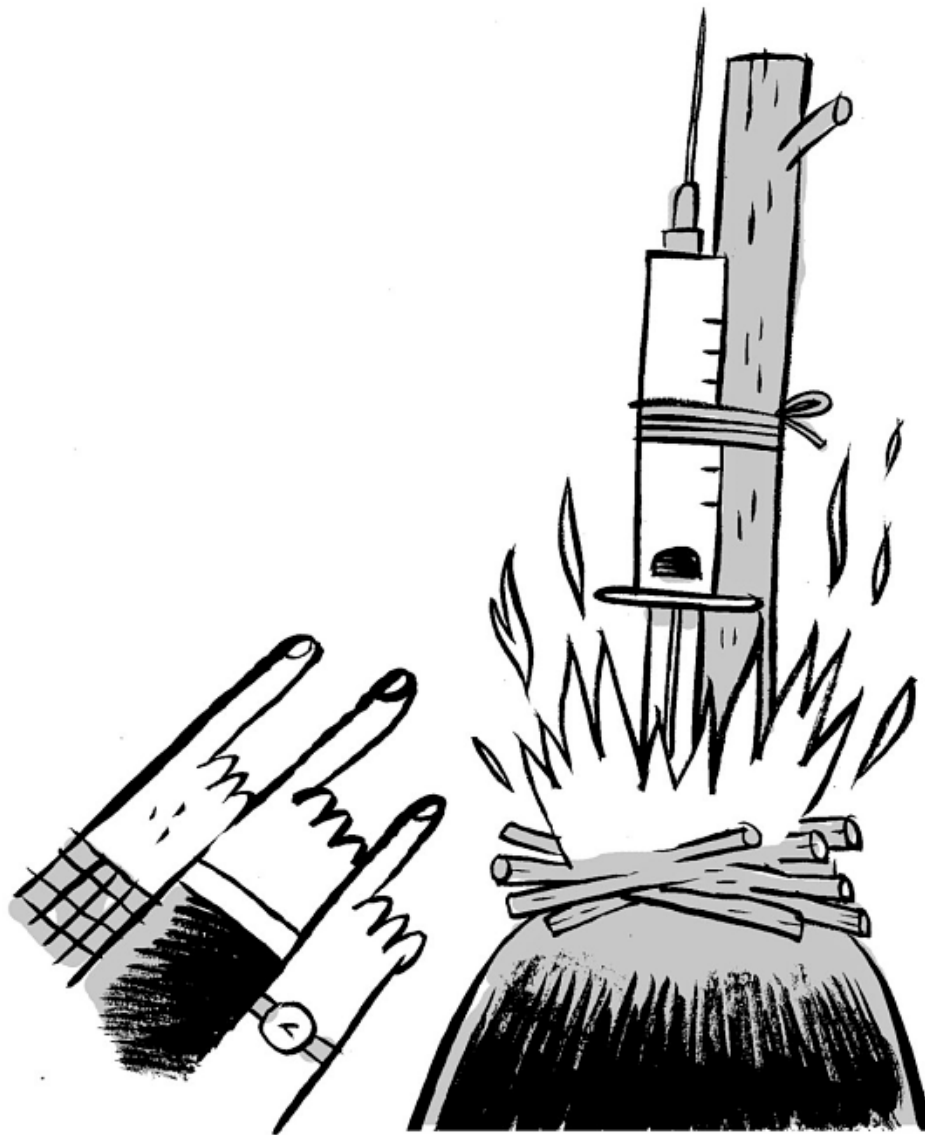
Os relatos na literatura apontam que a frequência das reações adversas é tão baixa que poderiam acontecer naturalmente na população. É o caso apontado nessa semana da possibilidade de miocardite causada em adolescentes vacinados com a vacina Comirnaty (Pfizer/Biontech). Alguns artigos publicados com relato de casos apontam o quadro de miocardite como uma reação adversa leve a moderada de incidência extremamente baixa.

Em 9 de julho último, o *Advisory Committee on Immunization Practices* (ACIP) do governo dos Estados Unidos revisou a incidência de miocardite em adolescentes e jovens de 12 a 30 anos, afirmando em publicação que “nenhuma alternativa às vacinas de mRNA contra covid-19 para adolescentes estará disponível no futuro próximo, e a vacinação de adolescentes oferece proteção contra covid-19 que pode ser importante para o retorno às atividades educacionais, sociais e extracurriculares. Níveis mais altos de cobertura de va-

vacinação podem reduzir a transmissão na comunidade, o que pode proteger contra o desenvolvimento e a circulação de variantes emergentes” (tradução livre).

Portanto, considerando a liberação para o retorno das atividades educacionais presenciais tanto nas escolas quanto nas universidades, a suspensão da vacinação para essa faixa etária deve trazer mais danos do que benefícios. Quanto mais faixas etárias vacinadas, menor será o risco de disseminação da doença e o surgimento de novas variantes virais.

Desde o final do século 18 as vacinas são usadas e estão entre os quatro pilares da saúde pública. Isso, sem dúvida, permitiu reduzir a mortalidade em todos os estratos populacionais, em especial entre as crianças. Negar a eficácia e a segurança de uma vacina é negar todo o avanço científico acumulado em mais de dois séculos. É negar o brilhantismo de Edward Jenner, Louis Pasteur, Oswaldo Cruz, Vital Brazil e tantos outros cientistas e profissionais que labutam diariamente nos laboratórios, nos hospitais e na linha de frente do combate às doenças infecciosas.



Oh, insensatos que somos, por degradar a natureza

» JACIR VENTURI

Escritor, vice-presidente do Conselho de Educação do Paraná, foi diretor de escola e professor dos ensinos fundamental e médio, e de pré-vestibular

O meio ambiente sustenta a vida e degradá-lo compromete o nosso futuro — nada mais óbvio. Ademais, o bem-estar que nossos filhos e netos terão ou não, daqui a 20 ou 50 anos, depende diretamente de como tratamos o planeta hoje. “A Terra não nos pertence. Ela foi emprestada de nossos filhos”, se faz oportuno um cacique indígena norte-americano, em frase proferida há mais de um século. O ser humano se auto-proclama inteligente, mas, na verdade, é insensato e paradoxal, para não dizer estúpido, por contaminar a água que bebe, o ar que respira e o solo do qual obtém alimentos, por destruir de forma desmensurada as florestas, as plantas e os animais.

Um estudo do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) estima que foram ultrapassados em muito os limites de exploração que o planeta pode suportar sem ser degradado. A Terra já não mais nos aguenta. Para voltar ao equilíbrio, precisaríamos de mais uma Terra e meia (1,5). É a marcha da insensatez do ser humano consumista, utilitarista, predador. E a Mãe Natureza sabe ser pedagógica, pois, a um só tempo, é agradecida e dadivosa com quem a trata bem, e, em contrapartida, é incisiva e veemente na reação quando agredida. Eventos meteorológicos extremos, como inundações, secas, incêndios, tufões, furacões, são exemplos eloquentes de catástrofes naturais e o incremento deles no decurso das últimas décadas, como consequência da ação humana, é incontestável.

Os desastres naturais custaram à economia mundial quase US\$ 3 trilhões entre 1998 e 2017, conforme publicação da Organização das Nações Unidas (ONU) em colaboração com a Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. No

Brasil, as perdas chegaram a US\$ 15,7 bilhões no mesmo período. O estudo demonstra ainda que o número de pessoas afetadas e que necessitam de algum tipo de ajuda emergencial chega perto dos 4,4 bilhões, seja por mortes, seja por ferimentos, seja por falta de abrigo.

De 1970 a 2019 (50 anos cheios), mais que dobrou a população mundial — de 3,7 bilhões para 7,8 bilhões. Na mesma proporção, a emissão de CO₂ (dióxido de carbono), no mesmo período, partiu de 15 bilhões para 34 bilhões de toneladas, fruto do uso de combustíveis fósseis e processos industriais. Desse total, coube ao Brasil, no mesmo período, a emissão de 2,18 bilhões de toneladas deste gás, ocupando assim o quinto lugar no mundo, atrás de China, Estados Unidos, Índia e Rússia.

Segundo a Organização Meteorológica Mundial, a última década foi a mais quente da qual se tem registro. Em consequência, o Brasil está secando. Nos últimos 35 anos, o país perdeu 16% da superfície de água e as queimadas atingiram 20% do território nacional, conforme relatório do MapBiomas. Os reservatórios de nossas usinas hidrelétricas estão no menor nível histórico. Com efeito, uma nova bandeira tarifária, chamada “escassez hídrica”, precisou ser criada, pois nem a bandeira vermelha está mais dando conta dos custos da energia mais cara, devido ao acionamento das custosas e poluentes termelétricas.

Semelhantemente, os sinais agônicos de nossos rios justificam o neologismo “hidrocídio”. Em um dos biomas de maior diversidade do mundo, a Mata Atlântica — restam apenas 7,3% da cobertura original. Constatam-se terras estorricadas por secas e queimadas cada vez mais severas aqui e em todo o mundo. “Quando a Terra já estiver desertificada é que o ser huma-

no vai aprender que não se come dinheiro” — se faz oportuna a escritora Rose Marie Muraro. Os mares estão ficando mais ácidos. A alteração do pH se deve ao excesso de gás carbônico, afetando a produção de micro-organismos e plânctons que estão na base da cadeia alimentar de muitos seres vivos dos ecossistemas marinhos. Ademais, há o progressivo degelo dos glaciares e a elevação do mar em 20 cm desde 1900.

Kilimanjaro, o monte mais alto da África, deve perder totalmente a cobertura de gelo até 2030, em processo acelerado de derretimento nas últimas décadas. É irônico, pois, na língua nativa da Tanzânia, o verbete kilimanjaro significa “o monte das neves eternas”. Aquele povo primitivo só não imaginava que o ser humano contemporâneo — que se autoproclama civilizado — pudesse subverter os sagrados ditames do tênue equilíbrio ambiental.

A bem da verdade, o planeta não poderá ser salvo apenas pelos governos ou ONGs, ou pela nossa comisseração e discursos nas mídias sociais, mas pelas ações concretas de cada um de nós. Não basta se condoer com o desmatamento da Floresta Amazônica, com a morte dos ursos polares, com a extinção do mico-leão-dourado. É preciso que deixemos de vislumbrar o aquecimento global como uma hipótese teórica e a sustentabilidade como um mero discurso politicamente correto. É preciso que pratiquemos o básico, como a destinação correta do lixo, o uso responsável e comedido da água e da energia elétrica. É preciso que cada um de nós esteja disposto a arcar com um produto mais caro, mas que é produzido respeitando o ambiente, em detrimento do mais barato, porém não biodegradável. Em não o fazendo, vamos nos autoproclamar *homo stupidus* em vez de *homo sapiens*.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

No espaço dos leitores, a modernização dos jornais

Como tudo na vida, a imprensa, no geral, e os jornais, em particular, se veem obrigados a seguir as mudanças impostas pela sociedade e pelo mundo. Aqueles que teimam em prosseguir com velhas fórmulas correm o risco de se verem varridos da paisagem ou deixados para trás. A evolução exige mudanças e é preciso evoluir sempre.

Com relação aos jornais impressos e toda a sua enorme e intrincada cadeia de necessidades para existir concretamente, que vai, resumidamente, da compra do papel, passando pelo levantamento das notícias, sua impressão até a distribuição final para os diversos pontos de venda na cidade, esse é um esforço que somente àqueles que lidam com essa faina sabem o quanto é árduo e trabalhoso, nesses tempos de mídias instantâneas e notícias fáceis, fazer chegar aos leitores, a tempo e a hora, uma seleção das mais importantes informações do momento.

Mesmo assim, independentemente da velocidade impressa por outras fontes de notícia, os jornais, de um modo geral, imprimem mudanças significativas em sua confecção, de modo a acompanhar o ritmo dos novos tempos, de acordo com exigências contemporâneas. Não tem sido uma tarefa fácil. Pelo contrário. Exige de todos empenho e dedicação permanentes.

A democracia e a sociedade, como um todo, devem muito ao papel desempenhado pela imprensa. Até o exercício da cidadania está muito vinculado a fatores como a correta informação, que só um jornalismo de qualidade pode oferecer. E é nesse sentido que muitos jornais têm buscado maior interação com os cidadãos, como forma de apresentar aos leitores, exatamente aquilo que eles querem ver noticiado, com toda a transparência, mesmo que isso acarrete contratempos aos jornais.

É comum encontrar no espaço dedicado aos leitores, análises e pontos de vista que vão muito além do noticiário, enriquecendo e dando novas visões sobre determinada notícia. Tem sido comum até o aproveitamento de muitos assuntos enviados pelos leitores, para pautar algumas matérias jornalísticas. A voz do leitor é a voz de Deus, dizia, com muita propriedade o filósofo Mondubim. É pelo veio aberto nas *Coluna do Leitor*, nas *Cartas do Leitor*, na *Opinião do Leitor* ou no espaço deste jornal, chamado *Sr. Redator*, que muitos órgãos de imprensa, principalmente os jornais, encontraram a fórmula correta de manter aceso um diálogo permanente com a sociedade, doando e recebendo informações, numa interação sadia que faz bem a ambos.

É impossível pensar em jornal sem um espaço adequado ao leitor correspondente. Entre os muitos esforços feitos pelos jornais para manter o movimento permanente, um dos meios mais criativos, seguros e, quiçá, menos dispendiosos para isso, foi a ampliação e valorização do espaço dedicado aos leitores, formando assim, de modo espontâneo, a maior rede de informação possível, ou no jargão jornalístico, um pool numericamente fabuloso de setoristas, espalhados por toda a cidade e por outras partes do planeta, enviando e análises variadas. O que muitos jornais modernos começaram a perceber é que, para fazer frente às novas tecnologias da informação, nada é mais necessário do que buscar uma interface com o leitor, dando-lhe aquilo que lhe é de direito: espaço para sua manifestação sincera.

» A frase que foi pronunciada

“Pobrezinha, fizeram de você um mero capacho para limpar os pés antes de entrar no Universo...”

Mafalda olhando para a Lua

Reconhecimento

» É bom que o país saiba que, graças ao trabalho acadêmico de Ana Lúcia Novelli, o reconhecimento da presidência da Casa, da Diretoria-Geral e da Comunicação Social, à época ACM e Agaciel Maia, e Fernando César Mesquita, a interação entre o Senado e os cidadãos tornou-se realidade. Com um projeto competente, ao ser classificada no concurso do Senado e tomar posse, já tinha o plano de implementação do Alô Senado. Hoje, o DataSenado, por exemplo, é o instituto de pesquisa mais confiável do país.

Sábado

» Vão chegar as chuvas, conforme anunciam os sabiás. É o momento de pintar os quebra-molas e as faixas de pedestres, além de verificar as bocas de lobo pela cidade.

» História de Brasília

Toda repartição quando traz funcionário para Brasília, já o fazia com designação de apartamento. No DCT, há mais de cinquenta funcionários vindos do Rio, e até hoje aguardam moradia. E, como injustiça, citamos que não há critério na repartição, para a entrega de apartamentos. (Publicada em 9/2/1962).